

Escrevo, logo existo: grafitos, intervenção e vozes coletivas no Centro de Artes

MELISSA MACHADO ARAUJO¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – araujomelissa0301@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos das pinturas rupestres, os seres humanos utilizam superfícies físicas para expressar pensamentos, experiências e sentimentos. Essa prática persiste até hoje, ressignificada em contextos urbanos, como muros, calçadas, escolas e, especialmente, banheiros universitários, que se tornam suportes de expressão discursiva e artística, muitas vezes (Damião; Teixeira, 2009; Barbosa, 1984). As paredes, embora funcionem como barreiras e fronteiras disciplinares, também são atravessadas por mensagens que subvertem essa função. A palavra *grafitto* tem origem italiana do *graffiti* com radical grego *graphein*, que significa “desenhar ou escrever”. Já os grafitos de banheiro, ou escritas latrínárias, são uma forma espontânea e anônima de expressão que inclui palavras, desenhos, símbolos e desabafos nas superfícies de banheiros públicos. (Damião; Teixeira, 2009).

Em ambientes universitários, os banheiros públicos vão além de sua função utilitária e tornam-se espaços de expressão simbólica. No Centro de Artes da UFPel, os grafitos revelam desde confissões pessoais até manifestações políticas e sociais, refletindo identidades, pertencimento, resistência e contestação. O cenário acadêmico e o tipo de frequentador/estudante exercem influência direta na “personalidade comunicativa” de cada banheiro, dessa forma, banheiros ditos masculinos ou femininos, de estudantes das artes visuais ou das engenharias, por exemplo, contam histórias diferentes (Abud; Rosa, 2015; Caixeta; Ferreira, 2018).

A natureza anônima do banheiro favorece tais manifestações, pois permite que vozes dissonantes se expressem sem receio de sanções. Esse anonimato, no entanto, não diminui a potência política das mensagens — ao contrário, fortalece o caráter coletivo da expressão, em que a autoria individual cede lugar ao discurso partilhado. Este trabalho compõe o projeto “DO PINCEL AO PIXEL: as (re)apresentações dos sujeitos/mundo em imagens”, no qual sou bolsista PIBIC, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPQ), e tem por objetivo compreender as dinâmicas estabelecidas entre o espaço (banheiro) e seus frequentadores (estudantes), nesse caso, analisando as reverberações geradas por uma intervenção pontual em um dos banheiros investigados no Centro de Artes, da Universidade Federal de Pelotas, sem deixar de registrar e mapear o conteúdo encontrado nas outras cabines também.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo investigativo de caráter qualitativo visual acerca do conteúdo encontrado nas paredes dos banheiros do Centro de Artes (CA) da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, desenvolvido em 2025. A metodologia envolve o registro periódico sistemático desses espaços para que análises e

comparações possam ser realizadas com o conteúdo dessas manifestações. Além disso, é uma forma de salvaguardar essas expressões artísticas e suas interlocuções antes que se percam. Para a captação dos conteúdos das paredes foi utilizada a câmera do celular de uso pessoal da bolsista/pesquisadora. A periodicidade mensal dos registros buscou tanto acumular um número significativo de manifestações, quanto observar transformações ao longo do tempo e em diferentes momentos.

Neste momento, o enfoque da análise direciona-se para a marca coletiva que os pixos/grafitos significam para os estudantes do CA, tendo sido analisado as reverberações obtidas a partir da colagem de um cartaz na primeira cabine de um banheiro no segundo andar do bloco 1 (Figura 1), que permaneceu no local por três semanas. As respostas foram registradas pela pesquisadora e tiveram seu conteúdo analisado e categorizado para apresentação posterior.

Figura 1: **Melissa Araujo**, O cartaz, fotografia, 2025.



Fonte: Acervo da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se na primeira etapa do estudo que, no bloco 1 do CA há uma maior concentração de mensagens cujos conteúdos variam conforme os marcadores de gênero. Essa constatação é corroborada pelos achados de Damião e Teixeira (2009), que ao analisarem mensagens em banheiros universitários, identificaram padrões semelhantes: nos banheiros masculinos predominavam mensagens relacionadas a presença, insultos, sexo e humor, enquanto os banheiros femininos lideravam em mensagens de cunho reflexivo e romântico. A recorrência desse padrão sugere que as práticas discursivas, mesmo em espaços de anonimato, refletem construções sociais de gênero e modos distintos de performar identidades.

Os grafitos presentes nos banheiros do Centro de Artes são tão característicos desse espaço que ultrapassam a condição de registros anônimos e efêmeros, passando a inspirar produções acadêmicas e artísticas em diferentes formatos. Muitos estudantes utilizam esses conteúdos como referência para trabalhos, seja por meio de intervenções que dialogam diretamente com as escritas e desenhos já existentes, seja pela recriação em suportes tridimensionais, instalações ou projetos gráficos. Essa apropriação revela a força simbólica dos grafitos enquanto patrimônio cultural contemporâneo, que se renova continuamente ao ser reconfigurado na prática criativa dos discentes,

transformando o banheiro em um verdadeiro laboratório estético e de experimentação artística.

A segunda etapa, centrada na intervenção com o cartaz proibitivo, evidenciou ainda mais essa dinâmica. O cartaz em questão compõe uma intervenção proposta pelo também licenciando em Artes Visuais, Pedro Cunha Oliveira, buscando analisar a relação dos demais estudantes do CA com o cartaz, sendo que o trabalho também serviu como base para a elaboração de um livro de artista. O tema da instalação foi escolhido com base nas primeiras impressões do discente ao ingressar no Centro de Artes, após ter cursado três semestres de Licenciatura em Letras–Português e Literatura no campus Anglo da UFPel. Ao transitar por esse novo espaço e observar uma notável ampliação da liberdade de expressão criativa presente em diversos elementos visuais, como desenhos, adesivos, lambes e trabalhos artísticos distribuídos pelos corredores da instituição.

A proposta, registrada fotográficamente e acompanhada em suas reverberações, mostrou que a reação dos estudantes do CA ao cartaz que proibia o ato de pichar não foi imediata, mas se mostrou incisiva, manifestando-se justamente por meio da prática que se buscava coibir. Com desdém, ironia e forte tom de contestação, as respostas escritas na obra (Figura 2) deixaram evidente que, para aquela comunidade acadêmica, o grafite não é apenas uma transgressão, mas uma forma legítima de expressão coletiva.

Figura 2: Melissa Araujo, *Respostas na intervenção*, fotografia, 2025.



Fonte: acervo da pesquisa.

As manifestações ressaltaram que marcar as paredes faz parte da vivência cotidiana no espaço, ao ponto de se tornar um traço identitário do Centro de Artes. Em tom irônico, alguns estudantes afirmaram que, se os grafittis de banheiro fossem considerados um crime, todos do curso de artes deveriam ser punidos, pois se trata de uma prática comum e amplamente compartilhada.

Ao destacar a dimensão identitária e coletiva dos grafittis, este trabalho reforça a compreensão dos banheiros universitários como espaços de resistência e comunicação alternativa. As paredes tornam-se suportes de debates sociais, dando visibilidade a pautas que muitas vezes não encontram espaço em meios formais da universidade, servindo também como base para trabalhos acadêmicos e pesquisas como esta.

Dessa forma, o cartaz proibitivo acabou por catalisar um debate simbólico sobre os limites entre arte, expressão e controle institucional, indo de encontro aos objetivos do estudante que propôs a intervenção e aos objetivos desta pesquisa, mostrando a importância de tal prática para esse grupo de acadêmicos.

4. CONCLUSÕES

A análise da intervenção proposta por meio do cartaz proibitivo evidenciou não apenas a força da linguagem visual e textual como meio de contestação, mas também a forma como os sujeitos se apropriam do espaço para reafirmar sua identidade e pertencimento a uma cultura institucional marcada pela liberdade criativa. Ao invés de silenciar, o cartaz provocou diálogo — e é nesse embate que reside a potência dessa prática.

Esse estudo, ao registrar, mapear e refletir sobre os grafitos e as respostas à intervenção, contribui para o entendimento do banheiro universitário como espaço de produção cultural e discursiva. Para além do olhar disciplinar, propõe-se enxergar essas inscrições como documentos vivos de um tempo e de um lugar, capazes de nos dizer muito sobre os sujeitos que ali circulam.

Nesse sentido, a análise proposta articula-se diretamente aos objetivos do projeto de pesquisa ao qual este estudo está vinculado. Propõe-se fomentar uma cultura de análise simbiótica, capaz de integrar perspectivas funcionalistas, estéticas e simbólicas, a partir de um olhar interdisciplinar sobre os elementos sociais que constituem os espaços e as práticas contemporâneas. Ao investigar como os sujeitos se expressam e se (re)apresentam por meio de inscrições visuais e textuais em um espaço institucional liminar como o banheiro universitário, buscamos compreender não apenas as dinâmicas de produção e circulação dessas imagens, mas também os recortes sociais e culturais que emergem dessas manifestações. Trata-se de reconhecer esses registros como formas legítimas de linguagem, que refletem pertencimentos, identidades, tensões e resistências no contexto da vida acadêmica e artística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Cristiane de C. Ramos; ROSA, Maristela da. **DIÁRIOS ÍNTIMOS: ANÁLISE DE ESCRITOS EM BANHEIROS PÚBLICOS FEMININOS DE FLORIANÓPOLIS**. 1 Colóquio Internacional de História da Cultura da Cidade. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <[>](#). Acesso em: 6 jun. 2025.

BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de Banheiro**: A literatura proibida. São Paulo. 201 pg. Editora Brasiliense. 1984.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. **Fabricações do cotidiano**: estética e visualidade nos/dos grafitos de banheiro. Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 601 - 612. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC_ANA_CAIXETA_LUIZ_FERREIRA_IISIPACV2018.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

DAMIÃO, Nathalia Ferreira; TEIXEIRA, Renata Plaza. **Grafitos de banheiro e diferenças de gênero**: o que os banheiros têm a dizer?. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 61, n. 2, 2009. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200013>. Acesso em: 5 jun. 2025